

outros escritos.) Aqui, ofereço uma síntese de minha pesquisa pessoal: o que me atrai para esses campos e o que eles significam para mim.

A filosofia, ao tempo em que a estudei (universidades da Pensilvânia, Colúmbia e Sorbonne), praticamente abandonou seu objetivo original — o “amor à sabedoria” —, em virtude do qual fora batizada. Nos últimos três séculos, a concepção de filosofia foi desaparecendo, estando quase extinta em nossos tempos. Qualquer filósofo profissional, apanhado no ato de “buscar a sabedoria”, torna-se suspeito, é sutilmente colocado no ostracismo e tido como — só exagere um pouquinho — um perigo para (a carreira de) seus alunos.

A atual filosofia anglo-americana é sobretudo uma “filosofia analítica”, cujo intento é esclarecer o significado de questões menores. Deixou de debater, como sempre fez desde os gregos, os problemas capitais da vida: a Verdade, Deus, o Bem, a alma, o destino após a morte, a iluminação, a origem do universo, a imanência e transcendência de algo além de nós. No século XX, todas essas questões são consideradas inexpressivas, descartáveis juntamente com a opinião de que a “Verdade” possa de fato existir e ser acessível ao homem. Desde os tempos de seus grandes cultores holísticos — Pitágoras e Sócrates, Platão e Spinoza, Hegel e Whitehead —, a filosofia foi se estreitando cada vez mais. Por isso, minha jornada é basicamente solitária, apenas vez por outra compartilhada com um punhado de outros filósofos que ainda perseguem a visão do todo e pessoas fora da minha área, como as que aparecem neste livro. Indo ao seu encontro, na verdade me arrisquei num território vedado pelos cânones convencionais de meu ofício.

Por questões demasiado complexas para serem aqui esmiuçadas, minhas reservas incluem até mesmo o existencialismo, onde florescem ainda as questões maiores da filosofia. Após quase uma década de intimidade com ele, concluí que o existencialismo só pode propiciar alimento espiritual esporádico, porque ignora totalmente a natureza e, como toda filosofia pós-Kant, abandonou a investigação da estrutura íntima.

Assim, entre meus graus de mestre e doutora em filosofia, por vários anos me mantive inteiramente afastada dessa disciplina. Voltei-me para a ciência. E o fiz com extremo rigor, pois não me apeteçam fragmentos de conclusões pré-digeridas em cursos de “física para poetas”, mas sim a expe-

ancila - do lat. m. - revo - coisa que serve de auxílio - ancilar -
riência da verdadeira vida do cientista. Consegui isso num curso pré-médico que exigia trabalho em laboratório e solução de problemas. Depois de muitos anos teorizando filosoficamente sobre a natureza, o mergulho nos detalhes concretos é estimulante.

Durante dois anos fascinantes, mergulhei nas minúcias da física, da química e da zoologia, acabando por captar em primeira mão o método científico, que até então só se podia obter nos cursos de filosofia da ciência. A ciência, ensinaram-me, começa e termina com o método empírico. Quer dizer, formula-se uma hipótese, a hipótese é submetida à experimentação empírica por meio de dados cuidadosamente recolhidos que vão atestar sua veracidade ou falsidade, e, finalmente, as conclusões se transformam em teoria ou mesmo em lei. Ligadas a esse processo estão as equações encarregadas de levar a mensagem da ciência: a matemática, sua linguagem e sua ancila. A ciência é, pois, a interação dos detalhes concretos e do raciocínio abstrato, do método indutivo e do método dedutivo, dos sentidos que registram os dados e da mente abstrata, que os ordena em esquemas significativos de relação. É claro que a ciência é muito mais que essa caracterização rudimentar; trata-se de uma estrutura altamente sofisticada e demasiado complexa para que lhe façamos aqui inteira justiça.

O *leitmotiv* deste livro — integração de ciência e misticismo — tornou-se o *leitmotiv* de minha vida naquele período. Descobri que, contrariamente ao que me haviam ensinado, não preciso escolher entre uma e outro. Ambos devem ser buscados em comum, enriquecendo-se mutuamente por meio que até então eu ignorava. Vislumbrei essa possibilidade através da minha experiência pessoal.

No primeiro e breve contato com a ciência (como uma estudante para quem a ciência era uma exigência curricular para a formatura), comportei-me em relação a ela com uma espécie de bloqueio mental. O curso era um peso a ser carregado, com informações decoradas, procedimentos de laboratório realizados o mais rápido possível. Essa atitude (em geral a mesma dos colegas) parece-me, vista retrospectivamente, aborrecida, *blasée*, fechada.

Quase uma década depois, no curso pré-médico de um ano e meio a que me referi, a ciência tornou-se para mim algo significativo e excitante. Como se deu tal mudança? Principalmente pelo fato de eu haver, naquele entretanto, estudado misticismo, que fala de um princípio espiritual úni-